

**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA**

**PERFIL DOS DOCENTES DE UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM
ENFERMAGEM DE UMA FACULDADE DO MUNICÍPIO DE ANÁPOLIS**

**Dayane Furtado de Oliveira
Priscilla Rodrigues dos Santos**

ANÁPOLIS
2011

**DAYANE FURTADO DE OLIVEIRA
PRISCILLA RODRIGUES DOS SANTOS**

**PERFIL DOS DOCENTES DE UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM
ENFERMAGEM DE UMA FACULDADE DO MUNICÍPIO DE ANÁPOLIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação do Curso de Pós-graduação em Docência Universitária da Faculdade Católica de Anápolis como exigência para obtenção do título de especialista em docência universitária sob orientação da professora Ms. Maria Inácia Lopes.

ANÁPOLIS
2011

**DAYANE FURTADO DE OLIVEIRA
PRISCILLA RODRIGUES DOS SANTOS**

**PERFIL DOS DOCENTES DE UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM
ENFERMAGEM DE UMA FACULDADE DO MUNICÍPIO DE ANÁPOLIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção do título de Especialista em Docência Universitária.

Prof^a. Msc. Maria Inácia Lopes
Orientadora

Antônio Fernandes dos Anjos
Professor convidado

Maria Jussara Lopes
Professora convidada

Data de aprovação ____/____/____. *Nota* ____.

PERFIL DOS DOCENTES DE UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DE UMA FACULDADE DO MUNICÍPIO DE ANÁPOLIS

Dayane Furtado de Oliveira¹
Priscilla Rodrigues dos Santos¹
Maria Inácia Lopes²

RESUMO

O profissional enfermeiro tem seu papel de educador definido desde o início da graduação sendo este responsável por desenvolver educação em saúde em qualquer função ou cargo que venha ocupar. O objetivo deste estudo é identificar o perfil curricular dos docentes universitários de um curso de graduação em enfermagem de uma faculdade no município de Anápolis-GO. Tratou-se de uma pesquisa de abordagem quantitativa do tipo descritiva exploratória com delineamento transversal. A pesquisa foi realizada com 10 professores do curso de graduação de enfermagem, dos quais 4 (40,0%) eram enfermeiros, 5 (50,0%) biólogos e 1 (10,0%) filósofo. É possível concluir que o enfermeiro, em seu processo de formação profissional, possui uma proposta curricular que não contempla disciplinas específicas do magistério. Este é um fator complicador na formação desse profissional como educador, apenas alcançando a licenciatura na maioria das instituições de ensino superior, mediante o grau de especialização, mestrado ou doutorado, às vezes não acompanhado da competência necessária para transmitir ao aluno um determinado tipo de conhecimento. A partir desta abordagem teórica devemos observar que é necessário preparar profissionais com capacidade crítica e reflexiva para influenciar as decisões políticas e compreender melhor a condição humana, pois, a formação de enfermeiros em cursos de graduação deve atender as novas especificações do século XXI.

Palavras – chave: Perfil Curricular. Docentes. Enfermagem.

ABSTRACT

The professional nurse has defined its role as an educator since the beginning of the course which is responsible for developing health education in any role or position that will occupy. The aim of this study is to identify the profile of the Curriculum scholars from an undergraduate degree in nursing from a college in the city of Anápolis-GO. This was a quantitative research approach with a descriptive exploratory cross-sectional. The research was conducted with 10 professors of nursing degree, of which four (40.0%) were nurses, 5 (50.0%) and a biologist (10.0%) philosopher. It was concluded that nurses in their professional training process, has a curriculum that does not include specific disciplines of the faculty. This is a complicating factor in this professional training as an educator, only reaching a degree at most institutions of higher education by the degree of specialization, master's or doctoral degree, sometimes unaccompanied by the necessary power to transmit to a certain type of student knowledge . From this theoretical approach we should note that it is necessary to prepare professionals with critical and reflective capacity to influence political decisions and better understand the human condition, because the training of nurses in undergraduate courses must meet the new specifications of the twenty-first century.

Key - words: Course Profile. Teachers. Nursing.

¹Enfermeira, aluna do curso de pós-graduação lato sensu em Docência Universitária da Faculdade Católica de Anápolis-Go;

²Mestre, orientadora do curso de pós-graduação lato sensu em Docência Universitária da Faculdade Católica de Anápolis-Go;

INTRODUÇÃO

A enfermagem surgiu primeiramente no plano do cuidar, uma vez que as ações eram desenvolvidas para trazer bem estar para o paciente. No entanto esse cuidado se baseava apenas no empirismo fazendo com que essa profissão se tornasse dependente da medicina curativa.

A profissão começou a se preocupar com a questão teórica, com Florence Nightingale, que afirmava que seus conhecimentos deveriam ser distintos aos da medicina, definindo as premissas em que a profissão deveria se basear, a fim de que os conhecimentos de enfermagem pudessem abranger o indivíduo como um todo, sua condição de vida e como o ambiente poderia influenciar sobre seu estado de saúde.

Nas décadas de 1980 e 1990 intensificaram-se as discussões acerca da formação do profissional enfermeiro, sendo proposta a mudança no chamado currículo mínimo de enfermagem enfatizando a formação de um profissional “generalista”, ou seja, com visão holística para atuar nas áreas de assistência, gerência, ensino e pesquisa.

Contudo, uma das estratégias para compreender como se organiza e se distribui a saúde no Brasil é a educação, onde é possível visualizar a possibilidade de ampliar, discutir e analisar como os profissionais prestam assistência e atuam no ensino.

Assim, ensino superior em enfermagem traz a oportunidade de desenvolver essa análise crítica acerca da prática assistencial e também de formar profissionais capacitados que irão atuar como docentes dos cursos profissionalizantes e do próprio ensino superior podendo oferecer um ensino com mais qualidade.

A Enfermagem vem, como prática científica, incorporando elementos da educação. Dessa forma o profissional se configura perante a sociedade como um educador em saúde, seja em comunidades ou escolas, assumindo o *status* de professor, pois, para isso é necessário ter percepção da prática pedagógica que exercita no cotidiano da sala de aula ou na comunidade.

O profissional enfermeiro tem seu papel de educador definido desde o início da graduação sendo este responsável por desenvolver educação em saúde em qualquer função ou cargo que venha ocupar.

A licenciatura em enfermagem é, portanto, de suma importância para formação de profissionais que estarão atuando na assistência ao paciente e também no ensino, sendo que a qualidade dessa assistência depende exclusivamente da formação que os profissionais estão recebendo na instituição de ensino superior.

A educação continuada torna-se importante uma vez que o mercado de trabalho exige cada vez mais mão de obra especializada, sendo que esta não está sendo oferecida somente pelos cursos de graduação.

Permanecer em formação é algo inerente aos seres humanos um processo que não pára. A preocupação de que a formação inicial dos professores tenderá a ficar defasada mediante a rapidez das mudanças no processo de trabalho e, a grande quantidade de informações e conhecimentos que vêm sendo produzidos, têm gerado a necessidade dos mesmos buscarem a continuidade de formação e uma melhor qualificação profissional.

O interesse em realizar este estudo surgiu durante a pós-graduação de docência universitária, na qual foi observada a importância da formação didático-pedagógica para a melhoria na qualidade do ensino. Este foi reforçado ao se observar na graduação de enfermagem que muitos professores lecionavam disciplinas que não correspondiam a sua especialização ou até mesmo lecionavam sem ter realizado uma pós-graduação, o que prejudica o processo ensino-aprendizagem e retarda a evolução da instituição.

Diante do exposto torna-se relevante identificar o perfil curricular dos professores universitários de um curso de graduação em enfermagem de uma universidade no município de Anápolis-GO, uma vez que esta oferecerá bases para a identificação do nível de formação dos professores universitários e seu impacto sobre a qualidade no ensino. Sendo assim questiona-se: Qual o perfil dos professores universitários de um curso de graduação de enfermagem em uma faculdade no município de Anápolis-GO?

O objetivo deste estudo foi identificar o perfil dos docentes universitários de um curso de graduação em enfermagem de uma faculdade no município de Anápolis-GO. Como objetivos específicos o estudo buscou: traçar o perfil sócio-demográfico dos professores universitários, identificar a frequência de pós-

graduação *lato sensu e stricto sensu* dos professores, e avaliar a frequência de docentes que lecionam disciplinas contrárias a sua especialização.

Percurso metodológico

Tratou-se de uma pesquisa de abordagem quantitativa do tipo descritiva exploratória com delineamento transversal.

A pesquisa foi realizada em uma faculdade da cidade de Anápolis- GO, com 10 professores do curso de graduação de enfermagem da instituição, selecionados mediante a amostragem por conveniência. Os dados foram coletados mediante a aplicação de um instrumento de coleta de dados previamente elaborado, e expressar o aceite de participação como sujeito da pesquisa por assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido de acordo com a resolução nº. 196/96 do CNS que dispõe sobre pesquisa com seres humanos (BRASIL, 1996). Os dados foram organizados em planilhas eletrônicas em arquivo do software Excel de acordo com dados de identificação e problemas levantados. Para apresentação dos resultados foram calculadas frequências absolutas e relativas e construídos gráficos e tabelas para melhor visualização dos resultados.

PROCESSO EDUCACIONAL NA ENFERMAGEM

Para Thomaz (2002) a enfermagem surgiu inicialmente no plano do cuidar, ou seja, desenvolver ações que traziam bem estar para o paciente. Contudo esse cuidado se baseava apenas no empirismo fazendo com que essa profissão se tornasse dependente da medicina curativa.

A precursora Florence Nightingale mostra que a enfermagem deveria desenvolver bem as tarefas que foram destinadas a elas, com isso os cuidados de enfermagem eram vistos como secundários, sem importância ou valor científico (LUNARDI FILHO, 2004).

A enfermagem começou a se preocupar com a questão teórica, com Florence Nightingale, que afirmava que os conhecimentos da profissão deveriam ser distintos aos da medicina, definindo as premissas em que a profissão deveria se basear, a fim de que os conhecimentos de enfermagem pudessem abranger o

indivíduo como um todo, sua condição de vida e como o ambiente poderia influenciar sobre seu estado de saúde (NIGHTINGALE, 1989 apud TANNURE; GONÇALVES, 2008; JESUS, 2002).

Mesmo sob influência de Florence a profissão acabou assumindo um modelo profissional imediatista, baseado na ação prática, intuitiva e não sistematizada, exercendo-a sob a ótica médica, com ações centralizadas na doença e não no cliente (ANDRADE, 2007; SOUZA, 1984 apud TANNURE; GONÇALVES, 2008).

Mas a partir da década de 1950, pôde-se observar a busca crescente da profissão por procedimentos e métodos de organização e planejamento dos serviços que sejam mais eficientes e propiciem uma assistência de enfermagem mais qualificada. Esse processo foi influenciado por meio da formulação das teorias de enfermagem, que inicialmente foram desenvolvidas por teóricas americanas e, no Brasil, por Wanda de Aguiar Horta, que trouxe como referência teórica a Teoria das Necessidades Humanas Básicas (NHB) ditas por Abraham Maslow (KOERICH, *et al.*, 2007; KLETEMBERG; SIQUEIRA; MANTOVANI, 2006; HORTA, 1979). Estas teorias constituem a base para o ensino da profissão que passa a ser uma ciência, não mais empírica.

Nas décadas de 80 e 90 intensificaram as discussões acerca do processo de formação do profissional enfermeiro, onde foi proposta a mudança no chamado currículo mínimo de enfermagem enfatizando a formação de um profissional “generalista”, ou seja, com visão holística para atuar nas áreas de assistência, gerência, ensino e pesquisa (SCHERER; SCHERER; CARVALHO, 2006).

Segundo Bagnato (1994), uma das estratégias para compreender como se organiza e se distribui a saúde no Brasil é a educação, sendo possível visualizar a possibilidade de ampliar, discutir e analisar como os profissionais estão inseridos na assistência e no ensino.

Ainda segundo a autora, no início, os cursos profissionalizantes preocupavam-se com prática de saúde com qualidade porém sem se preocupar com uma postura crítica diante dessa prática (BAGNATO, 1994).

Contudo o ensino superior em enfermagem traz a oportunidade de desenvolver essa análise crítica acerca da prática assistencial e também de formar profissionais capacitados que irão atuar como docentes dos cursos

profissionalizantes e do próprio ensino superior, oferecendo assim um ensino com mais qualidade (BAGNATO, 1994).

A formação do profissional enfermeiro define seu papel de educador desde o início da graduação, sendo este responsável por desenvolver educação em saúde em qualquer função ou cargo que ocupe (BAGNATO, 1994).

A licenciatura em enfermagem é, portanto, de suma importância para formação de profissionais que estarão atuando na assistência ao paciente e também no ensino, uma vez que a qualidade dessa assistência depende exclusivamente da formação que os profissionais estão recebendo na instituição de ensino (BAGNATO, 1994).

Segundo Pimentel (1991), educação deriva do termo em latim que significa ato de criar. Ultrapassa o instruir, considerando que este representa o início do processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano, na tentativa de superação das necessidades que surgem, respeitando-se e demandando o realizar-se, o vir-a-ser.

O profissional busca aprender algo que seja importante para ele em uma busca contínua pelo conhecimento que promoverá seu crescimento. Porém, a educação envolve troca de saberes, respeito ao saber do educando e na área da saúde, com sujeitos que convivem com enfermidades; ao educador cabe respeitar e problematizar suas crenças, seus sentimentos e sua cultura (MURBACK, 2008).

Para Leandro (2010) o ensino em Enfermagem no Brasil passou por diversas mudanças de desenvolvimento ao longo dos anos, tendo como reflexo de cada mudança o contexto histórico da Enfermagem e da sociedade brasileira, na alteração do perfil do enfermeiro em decorrência de transformações no quadro político-econômico e social e da educação no Brasil, principalmente com o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS) como política de saúde pública. Houve a necessidade de mudanças no ensino de Enfermagem de acordo com as exigências encontradas em cada época, pois essas mudanças são necessárias para a construção de um ensino e preparação de profissionais engajados com a realidade.

O autor ainda afirma que, de maneira análoga às outras profissões, o corpo docente dos cursos de Enfermagem é composto apenas por profissionais de Enfermagem (exceto para disciplinas multiprofissionais), levados posteriormente, à condição de docentes quando enfrentam situações e realidades pedagógicas, sem

que tenham tido qualquer orientação no desenvolvimento de suas competências na atividade docente. Grande parte desses profissionais inicia a carreira de docente por falta de vagas no mercado de trabalho que abrangem tanto a nível hospitalar quanto às ações de saúde pública.

Dentro da prática da docência são exigidas do professor algumas qualificações, que valorizam principalmente as de caráter acadêmico, pesquisas e titulações, em detrimento das qualificações pedagógicas e interpessoais. Assim, no contexto da formação do professor universitário deve-se observar as condições pelas quais esse profissional ingressou na vida acadêmica. Esse contexto revela que as universidades têm dificultado a entrada de jovens graduados no mercado de trabalho, muitas vezes providos de grande referencial teórico, devido a outros profissionais apresentarem muitas titulações, mas sem a devida competência pedagógica necessária. Atualmente, o docente não tem somente a prática de ensino como atividade, bem como, atividades práticas exercidas em hospitais, postos de saúde ou clínicas. A sobrecarga de horas trabalhadas do professor dos cursos de graduação de enfermagem traz prejuízos ao processo ensino-aprendizagem do discente, já que a falta de parâmetros adequados para se instaurar um ensino de qualidade acaba por formar profissionais despreparados para assumir competências inerentes a sua prática profissional (LEANDRO, 2010).

Os docentes em enfermagem têm a responsabilidade de formar profissionais críticos, analíticos e com competência para prestar uma assistência de qualidade. Para isso, o processo de atualização deve ser constante para um aprendizado mais concreto. Com isso, o processo de formação desses novos profissionais dependerá de como o docente atua dentro de sua perspectiva metodológica, tendo em vista a complexidade na formação do comportamento crítico do discente. Portanto, dentro do processo das práticas docentes, o enfermeiro, além do saber a teoria, deve apresentar o saber da experiência, da prática assistencialista. Com essa nova forma de atuação, o professor pode provocar discussões, o confronto e a cooperação entre os saberes teóricos e os práticos, que estimulem ações de aprendizado frente ao discente. Em contrapartida a isto, é observado que dentre as inúmeras profissões que atuam nas universidades, a enfermagem tem dissociação entre teoria e a prática, uma vez que, o enfermeiro ou se dedica à atividade docente ou à prática assistencial. De certa forma as demais profissões encaram a docência como complemento e não como fonte de renda, que

por vezes o docente em enfermagem é melhor remunerado do que na atividade hospitalar (LEANDRO, 2010).

Para Antunes (2002), na enfermagem, a formação continuada surgiu para resolver problemas tanto da formação (graduação) como da capacitação de profissionais.

A educação continuada (EC) teve sua origem principalmente durante o processo de industrialização na década de 60; Isso ocorreu devido o mercado de trabalho exigir cada vez mais mão de obra especializada, que não estava sendo oferecida, somente pelos cursos de graduação. A concepção de educação continuada focada no comportamento está mais ligada ao mundo do trabalho, voltada para a formação profissional (ANTUNES, 2002).

A Organização Pan-Americana de Saúde - OPAS - define educação continuada como uma “oportunidade de capacitação dos trabalhadores – incluindo oficinas, seminários, conferências e outros meios educacionais formais ou informais - voltada ao fortalecimento, atualização e complementação do conhecimento e da capacidade dos trabalhadores” (OPAS, 2001).

No início, porém, a educação continuada exercia o papel de atualização e melhoria da capacitação dos profissionais, mas posteriormente assume o papel de atualização e transformação do meio em função da construção de uma nova sociedade (ANTUNES, 2002).

O modelo educacional em Enfermagem deve buscar uma reorientação para além da aquisição de conhecimentos e habilidades técnicas, pois, é necessário desenvolver habilidades sociais, ação crítica e ética para que possam impulsionar o rompimento dos atuais paradigmas.

Permanecer em formação é algo inerente aos seres humanos, um processo que não pára. A preocupação de que a formação inicial dos professores tenderá a ficar defasada mediante a rapidez das mudanças no processo de trabalho e a grande quantidade de informações e conhecimentos que vêm sendo produzidos, têm gerado a necessidade dos mesmos buscarem a continuidade de formação e uma melhor qualificação profissional (ANTUNES, 2002).

RESULTADOS OBTIDOS

Foram selecionados 10 docentes do curso de graduação em enfermagem, através da amostragem por conveniência, dos quais 4 (40,0%) eram enfermeiros, 5 (50,0%) biólogos e 1 (10,0%) filósofo.

Com relação ao sexo dos docentes do curso de enfermagem 70% eram do sexo feminino. Segundo Dell'Acqua; Miyadahira (2002) em estudo de perfil realizado com docentes do curso de enfermagem verificou-se que 95,6% eram do sexo feminino, o que pode ser justificado pelo fato de mais mulheres concluírem o ensino superior bem como por ser característica da profissão a predominância feminina. Pinto; Pepe (2007) em estudo realizado com docentes de enfermagem encontraram dados semelhantes, sendo que 83,3% dos docentes eram do sexo feminino, confirmando os dados acima discutidos.

A faixa etária predominante dos docentes foi de 20 a 39 anos (60,0%) e 40 a 50 (40,0%). No estudo de Dell'Acqua; Miyadahira (2002), foi possível observar que a idade predominante dos docentes foi de 30 a 40 anos (55,6%), o que corrobora com os dados encontrados neste estudo. Para Pinto; Pepe (2007) a faixa etária predominante entre os docentes de enfermagem variou entre 31 a 50 anos, também concordando com os dados encontrados nos estudos anteriores.

Quanto à formação dos docentes, foi possível observar que 50,0% deles tinham formação em ciências biológicas e apenas 40% eram enfermeiros. Segundo Silva; Rufino (2002) os professores que lecionam em área diferente de sua graduação ministram aulas tão bem quanto um professor que tem a formação equivalente à aula ministrada. Isso acontece porque os docentes atuais apresentam três características primordiais para ministrar boas aulas: dimensão de conteúdo, dimensão de habilidades e dimensão de relações situacionais. Com esses três requisitos o professor vai desenvolver a sua função com qualidade independente da formação inicial.

Com relação à duração da graduação dos docentes, o estudo identificou que 90,0% tiveram graduação de 4 anos, sendo que 10,0% dos docentes tiveram graduação de 5 anos, uma vez que em sua grade curricular, além do bacharelado, tem incluso a licenciatura, que o isenta de realizar uma pós-graduação em docência para atuar em sala de aula.

Em relação ao tempo de formação dos docentes, identificou-se que 70,0% tiveram menos de 10 anos de formação. Dell'Acqua; Miyadahira (2002), verificaram em seu estudo que os docentes relatam ter entre 10 e 20 anos de formação, o que contradiz o verificado nesta pesquisa uma vez que o perfil encontrado foi de docentes com tempo de formação menor que 10 anos, caracterizando-os em jovens docentes, bem como o recente aumento no número de instituições de ensino superior na cidade inaugurando novos cursos, incluindo os da área de saúde.

A Figura 1 demonstra a quantidade de docentes que são especialistas, mestres e doutores, onde foi possível notar que 90,0% fizeram especialização em alguma área, 40,0% possuem mestrado, 30,0% doutorado, e apenas 10,0% pós-doutorado.

Quanto às áreas de especialização é possível observar que 16,7% dos docentes são especialistas em Estratégia de Saúde da Família e apenas 8,3% realizaram pós-graduação em docência universitária, o que permite inferir que a maioria dos profissionais inicia a carreira docente sem o preparo didático-pedagógico necessário para dar aulas (Tabela 1). Com relação à área correspondente ao mestrado, 25,0% dos docentes referiram ter realizado em Ciências da Saúde, sendo que 75,0% realizaram nas respectivas áreas de sua formação inicial. Contudo, em relação ao doutorado, das áreas escolhidas, 20,0% realizaram em Ciências da Saúde, sendo que alguns docentes referiram possuir mais que um doutorado. Estas escolhas permitem inferir que as áreas escolhidas pelos docentes, correspondem à área de atuação, uma vez que são docentes de cursos da saúde. Segundo Dell'Acqua; Miyadahira (2002), 96,4% dos docentes de seu estudo referiam ter cursado algum tipo de especialização antes de atuar na docência universitária o que confirma os dados encontrados nesta pesquisa. Ainda segundo Dell'Acqua; Miyadahira (2002), 83,7% dos docentes de seu estudo tinham mestrado, o que difere do verificado neste estudo. Quanto a pós-graduação *stricto sensu* (doutorado), o estudo de Dell'Acqua; Miyadahira (2002), verificou que 46,5% apresentavam essa titulação, mais uma vez contradizendo o perfil encontrado nessa pesquisa.

Para Almeida (1993), uma das grandes áreas temáticas mais escolhidas para a realização de mestrado e doutorado, é ciências da saúde, que capacitam o profissional de qualquer área a lidar e conhecer a vida, a saúde e a doença além de

conhecer procedimentos terapêuticos e diagnósticos com a finalidade de proporcionar melhorias à saúde do paciente.

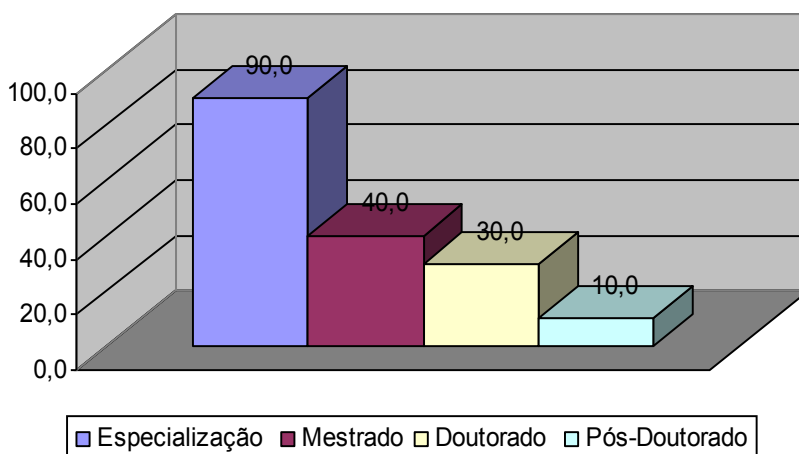


Figura 1. Graduação dos Docentes de Enfermagem

Tabela 1. Áreas da Especialização dos Docentes de Enfermagem.

Áreas da Especialização	n	%
Estratégia de Saúde da Família	2	16,7
Docência Universitária	1	8,3
Unidade de Terapia Intensiva	1	8,3
Saúde Pública	1	8,3
Educação em Saúde	1	8,3
Urgência e Emergência	1	8,3
Ciências Farmacêuticas	1	8,3
Saúde Mental	1	8,3
Parapsicologia	1	8,3
Gestão Hospitalar	1	8,3
Genética e Bioquímica	1	8,3
Total	12	100

Fonte: Docentes do curso de enfermagem de uma faculdade de Anápolis-Go, 2010.

O Quadro 1 demonstra os anos de atuação na docência universitária, onde 30,0% dos docentes relatam atuar na área há 3 anos, 20,0% há 2 e 25 anos. Segundo Hiramatsu; Barros; Previero (2010), o tempo de atuação dos docentes de enfermagem de seu estudo é bastante amplo, sendo que apenas 7,7 % dos professores, possuem mais de 11 anos de experiência. Já 15,4% dos docentes possuem experiência entre 7 a 10 anos e 26,9 % entre 4 a 6 anos, enquanto que 50% dos docentes do curso possuem reduzida experiência (de 1 a 3 anos). Isto

demonstra que a experiência na prática em sala de aula não é um fator decisivo na contratação dos docentes no início de suas carreiras e sim as suas qualificações acadêmicas e profissionais.

Com relação ao início da atuação na carreira acadêmica, 40,0% iniciaram na docência após 1 ano de formação, o que permite inferir que os profissionais iniciam a vida docente sem ou com pouca experiência em sala de aula, uma vez que a maioria dos cursos de graduação em enfermagem e outros cursos de diferentes áreas são bacharelado, não preparando seus alunos para ingressarem na carreira docente; diferente dos cursos licenciados, onde o preparo dos alunos é realizado desde o início do curso (Quadro 1).

O Quadro 1 revela ainda que 60,0% dos docentes fizeram algum tipo de pós-graduação antes de se iniciar na carreira de docente universitário. Merighi (1998) refere em seu estudo sobre a docência universitária em enfermagem, que no início da profissão o docente de enfermagem centrava suas ações nas tarefas assistenciais, era visto e respeitado como aquele que sabia cuidar do paciente. Posteriormente, a enfermagem tornou-se uma carreira universitária e a pesquisa passou a ser imprescindível, exigindo que o enfermeiro docente de enfermagem se capacitasse no sentido de titular-se como mestre, doutor, livre docente e titular, demonstrar produção intelectual formalizada em artigos e/ou em livros, pesquisar, participar de eventos, assumir funções administrativas. Contudo, todas essas exigências podem tornar a atividade docente, o dar aula, um empecilho, um transtorno na carreira do professor, uma vez que requerem uma dedicação maior à pesquisa, à leitura, à produção, o que prejudica e muitas vezes interrompe sua atuação assistencial.

Outra informação relevante é que 50,0% dos docentes atuam apenas na docência (Quadro 1). Isto permite inferir que estes profissionais têm a possibilidade de se aprimorar e se atualizar para atuar de maneira mais efetiva e consciente de seu papel frente ao ensino em enfermagem, visando à melhoria na qualidade dos cursos de graduação, bem como, da formação ética dos futuros enfermeiros.

QUADRO 1. Atuação profissional e curricular dos docentes de enfermagem do município de Anápolis-Go.

Anos de Atuação na Docência	n	%	Início da Docência após formado	n	%
2 anos	2	20,0	1 ano	4	40,0
3 anos	3	30,0	2 anos	3	30,0
4 anos	1	10,0	5 anos	2	20,0
5 anos	1	10,0	12 anos	1	10,0
6 anos	1	10,0			
25 anos	2	20,0			
Realização de Pós-Graduação antes de atuar na Docência			Atuação Somente na Docência		
	n	%		n	%
Sim	6	60,0	Sim	5	50,0
Não	4	40,0	Não	5	50,0

Fonte: Docentes de Enfermagem de uma Faculdade de Anápolis-GO, 2010.

A Figura 2 demonstra o principal motivo pelo qual os docentes optaram por atuar na docência, onde foi possível observar que 80,0% dos entrevistados relataram que decidiram atuar na docência por gostarem da área e apenas 10,0% dos mesmos relataram ter iniciado por complementação salarial. Segundo Secaf; Rodrigues (1998), em estudo realizado com enfermeiros sobre como evitar a evasão na profissão, os profissionais ressaltam a importância de que os docentes gostem de seu trabalho, busquem atualização e aprimoramento constantes, tenham orgulho de sua profissão, para transmiti-los aos alunos. Assim, os futuros profissionais serão mais confiantes, menos submissos e que virão a ocupar o lugar de respeito que lhes é de direito. Sugerem ainda a necessidade de melhor definição do papel do enfermeiro, que os responsáveis pelo ensino apresentem conteúdos de currículos em consonância com a realidade do trabalho e que invistam mais em pesquisa.

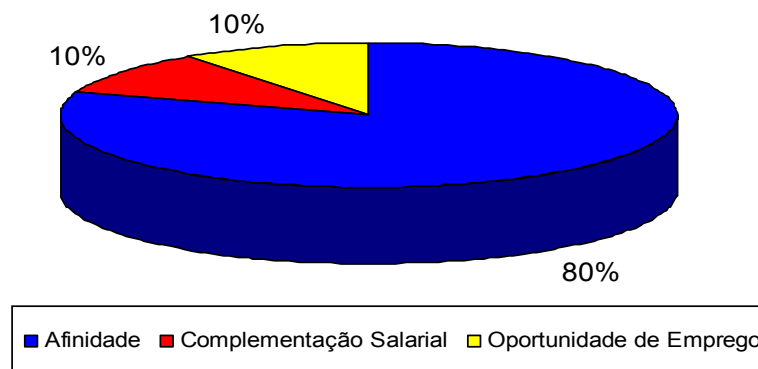


Figura 2. Motivo da Atuação na Docência.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a maioria dos professores (90,0%) possui especialização *lato sensu*, 16,7% dos docentes são especialistas em saúde pública, 30,0% atua na docência há 3 anos, 40,0% iniciou a carreira docente no primeiro ano após a conclusão da graduação, 60,0% dos professores referiu ter realizado alguma pós-graduação *lato sensu* antes de atuar na docência, 50,0% atua atualmente somente em sala de aula, e 80,0% relatou atuar como docente por afinidade com a área.

Estes dados permitem inferir que o perfil do professor do curso de enfermagem, assim como a profissão, caracteriza-se como jovem e em ascensão, uma vez que, o aumento no número de faculdades privadas tem facilitado o acesso dos estudantes ao ensino superior, bem como tem aumentado o número de cursos de graduação em enfermagem, o que gera uma oferta maior de vagas para docentes nas universidades, sendo que nem sempre estes profissionais encontram-se devidamente capacitados para atuarem como docentes. Contudo, as transformações no ensino de enfermagem serão observadas quando os enfermeiros mudarem a sua visão sobre o processo ensino-aprendizagem e propiciarem um ensino que auxilie o aluno a desenvolver suas competências cognitivas. O ensino ainda carece de avanços por meio de abordagens emancipatórias que valorizem os conhecimentos científicos articulados com o contexto social.

A prática pedagógica deve permitir ao docente a transmissão de saberes e práticas cientificamente fundamentadas para demonstrar a competência necessária na arte de ensinar. A partir do momento que o enfermeiro docente desenvolve suas competências na educação profissional de nível técnico na área da saúde, deve definir sua concepção pedagógica quanto ao tratamento dos conteúdos por temas; a teoria como reflexão sobre e para a prática; o respeito à prática e aos conhecimentos adquiridos; uma abordagem crítica e contextualizada dos assuntos tratados, além de buscar estimular o desenvolvimento do aluno para a aprendizagem continuada. A prática docente é fator determinante nas ações do futuro profissional da enfermagem, pois, influenciará de maneira positiva ou negativa nas ações políticas, éticas e técnicas destes profissionais, uma vez que, a formação do enfermeiro requer preparo teórico-prático, clínico e epidemiológico, o que exige campos de atividades práticas, bibliotecas equipadas e renovação da postura pedagógica dos docentes.

O enfermeiro, em seu processo de formação profissional, possui uma proposta curricular que não contempla disciplinas específicas do magistério. Este é um fator complicador na formação desse profissional como educador, apenas alcançando a licenciatura na maioria das instituições de ensino superior, mediante o grau de especialização, mestrado ou doutorado, às vezes não acompanhado da competência necessária para transmitir ao aluno um determinado tipo de conhecimento. A partir desta abordagem teórica devemos observar que é necessário preparar profissionais com capacidade crítica e reflexiva para influenciar as decisões políticas e compreender melhor a condição humana, pois, a formação de enfermeiros em cursos de graduação deve atender as novas especificações do século XXI.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. C. P. de. A pós-graduação em enfermagem no Brasil - situação atual. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 1, n. 1, p. 43-50, 1993. ISSN 0104-1169. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v1n1/v1n1a06.pdf>> Acesso em: 10/01/2011.

ANTUNES, M. N. V. A formação continuada do professor universitário de Enfermagem: discutindo sua contribuição com as mudanças no ensino de enfermagem. Dissertação (mestrado). **UNICAMP**. Campinas, 2002. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000079999>.

BAGNATO, M. H. S. Licenciatura em Enfermagem: Pra que? Tese (Doutorado). **UNICAMP**. Campinas, 1994. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000079999>.

BRASIL. Resolução CNS nº 196, de 10 de outubro de 1996. **Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Publicada no Diário Oficial da União - D.O.U. em 16 de outubro de 1996. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/1996/Reso196.doc>> Acesso em: 16/03/2010.

DELL'ACQUA, M. C. Q.; MIYADAHIRA, A. M. K. Ensino do processo de enfermagem nas escolas de graduação em enfermagem do estado de São Paulo. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 10, n. 2, p. 185-191, 2002. ISSN 0104-1169. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v10n2/10513.pdf>> Acesso em: 10/01/2011.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HIRAMATSU, E. F.; BARROS, S. A. P.; PREVIERO, C. A. O Perfil de Formação do Enfermeiro Professor do Curso de Graduação de Enfermagem do Ceulp-Ulbra: Suas Qualificações Acadêmicas e Pedagógicas. **1ª Mostra de Pesquisa no Ensino Superior**, Ceulp-Ulbra, 2010. Disponível em: <<http://ulbra-to.br/sites/seminario/mostradepesquisa/artigos/Artigo%20Evelini.doc>> Acesso em: 10/01/2011.

HORTA, W. A. **O processo de enfermagem**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1979.

JESUS, C. A. C. Sistematização da Assistência de Enfermagem. Evolução histórica e situação atual: Universidade Federal de Uberlândia, Fórum de Enfermagem, **Anais Sistematizar o cuidado**, novembro, 2002.

KLETEMBERG, D. F.; SIQUEIRA, M. D.; MANTOVANI, M. F. Uma história do processo de enfermagem nas publicações da Revista Brasileira de Enfermagem no período 1960-1986. **Portal de revistas de enfermagem**. Esc. Anna Nery. Rio de Janeiro, v.10, n.3, 2006.

KOERICH, M. S. et al. Sistematização da assistência: aproximando o saber acadêmico, o saber-fazer e o legislar em saúde. **Acta Paul. Enf.**, São Paulo, v.20, n.4, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010321002007000400010&script=sci_arttext&tlng=e> Acesso em: 20/05/2010

LEANDRO, A. C. **Competências e Práticas Docentes no Ensino de Nível Superior em Enfermagem: Uma Revisão Bibliográfica**, 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/32174/1/Docencia-superior-em-Enfermagem/pagina1.html#ixzz1AT4jVilO>> Acesso em: 10/01/2011.

LUNARDI FILHO, W. D. **O mito da subordinação do trabalho da enfermagem a medicina**. 2. ed. Pérolas: universitária, 2004.

MERIGHI, M. A. B. Reflexões Sobre a Docência de Enfermagem em uma Universidade Pública. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 32 , n. 1, p. 80-3,1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v32n1/v32n1a11.pdf>> Acesso em: 10/01/2011.

MURBACK, S. E. S. L. Educação continuada em saúde coletiva: Desafios e possibilidades. Dissertação (mestrado). UNICAMP. Campinas, 2008. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000079999>> Acesso em: 20/05/2010.

OLIVEIRA NETTO, A. A. **Metodologia da pesquisa científica**. Guia prático para apresentação de trabalhos acadêmicos. 3. ed. Florianópolis: Visual Books, 2008.

OPAS. **Glossário de Terminologia: Iniciativa “A Saúde Pública nas Américas”**. Abril. 2001. Disponível em: <<http://www.opas.org.br/servico/arquivos/Sala1860.pdf>> Acesso em: 20/05/2010.

PIMENTEL, M. Problemática da Educação Continuada nas Instituições de saúde. **Revista Paulista de Enfermagem**. São Paulo, v.10, n.2, p.72-74, mai./ago. 1991.

PINTO, J. B. T.; PEPE, A. M. A formação do enfermeiro: contradições e desafios à prática pedagógica. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 15, n. 1, p. 120-126, 2007. ISSN 0104-1169. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n1/v15n1a18.pdf>> Acesso em: 10/01/2011.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SCHERER, Z. A. P.; SCHERER, E. A.; CARVALHO, A. M. P. Reflexões sobre o ensino da enfermagem e os primeiros contatos do aluno com a profissão. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 14, n. 2, p. 285-291, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n2/v14n2a20.pdf>> ISSN 0104-1169. Acesso em: 20/05/2010.

SECAF, V.; RODRIGUES, A. R. F. Enfermeiros que deixaram de exercer a enfermagem: por que?. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 6, n. 2, p. 5-11, 1998. ISSN 0104-1169. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v6n2/13901.pdf>> Acesso em: 10/01/2011.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA, M. da G.; RUFFINO, M. C. Comportamento docente no ensino de graduação em enfermagem: a percepção dos alunos. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 7, n. 4, p. 45-55, 1999. ISSN 0104-1169. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v7n4/13488.pdf>> Acesso em: 10/01/2011.

TANNURE, M. C; GONÇALVES, A. M. P. **SAE - Sistematização da Assistência de Enfermagem**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

TOMAZ, V. A.; GUIDARDELO, E. B. Sistematização da Assistência de Enfermagem: Problemas Identificados pelos enfermeiros. **Nursing**, São Paulo, nov., 2002.